

## VIAGENS E VIAJANTES

por

M. LEONOR. M. DE SOUSA \*

### ABSTRACT

Travel literature is a genre still little studied in theoretical terms, but which has a great documentary interest, chiefly in times when the natives of the visited country did not register their daily reality. Foreign travellers' reports are important both in what concerns the novelty they find as the difference from their original culture, which often conditions their point of view.

### RESUMO

A literatura de viagens é um género ainda pouco estudado do ponto de vista teórico, mas que tem grande interesse documental, sobretudo em épocas em que os naturais do país visitado não registavam a sua realidade quotidiana. Os relatos dos viajantes estrangeiros são importantes tanto em relação à novidade que constavam como à diferença em termos da sua cultura de origem, que muitas vezes condiciona o seu ponto de vista.

**A**O querer associar-se às comemorações dos 600 anos passados sobre o Tratado de Windsor e sobre o casamento de D. João I com D. Filipa de Lencastre, a Universidade dos Açores encontrou um domínio privilegiado das relações com a Inglaterra, o mundo dos viajantes. Os testemunhos das suas visitas ao arquipélago português que continuavam a chamar as *Ilhas Ocidentais* deram a conhecer aos seus compatriotas este território de vários pontos de vista — humano, paisagístico, científico, estratégico, dependendo a tónica da sua visão principalmente da formação que tinham dos seus interesses profissionais.

Estes relatos de viagens realizadas sobretudo durante o século XIX, época em que se foram desenvolvendo as facilidades de transporte e

---

\* Faculdade de Ciências Sociais e Humanas — Universidade Nova de Lisboa.

as solicitações tecnológicas, constituem documentos importantes para a compreensão da imagem que se criou dos Açores e até mesmo do que tem sido a realidade da sua vida. Com este projecto de trabalho, a Universidade dos Açores vem integrar-se num movimento que, nos últimos anos, tem levado a criar projectos semelhantes em Portugal e França, sobretudo, mas também nos Estados Unidos, no Brasil e em Espanha, pelo menos.

A organização de qualquer projecto pressupõe o estabelecimento de uma base teórica, que enquadre e ajude a definir e analisar o objecto desse estudo. E assim, a primeira pergunta que ocorre fazer diz respeito ao *corpus*: o que é relato de viagem e em que domínio deve ser preferencialmente situado, histórico ou literário?

Em rigor, o género — que é frequentemente designado por «literatura de viagens» — aplica-se ao resultado das observações feitas por um viajante sob a forma de documento escrito. Mas a literariedade de um roteiro, por exemplo, não tem o mesmo grau que um relato do que o autor viu e viveu durante a permanência de alguns meses num meio desconhecido. No primeiro caso temos um documento científico, no segundo um documento com valor histórico e forma e qualidade literárias. O apuramento destes últimos aspectos levou a obras como *Os Lusíadas* e *Viagens na minha terra*, que, pela sua elaboração, se afastam do simples «relato de viagem». Este é fruto da curiosidade do autor — na maior parte dos casos pouco dotado para as letras —, que pretende registar e divulgar o que vê. Correspondendo ao grande interesse que o público leitor manifestou por estas obras na segunda metade do séc. XVIII e durante todo o séc. XIX, alguns autores ganharam certa notoriedade e, várias vezes reeditados e traduzidos, tornaram-se clássicos do género.

A teoria literária não se debruçou ainda sistematicamente sobre os relatos de viagem, sendo raros os artigos que deles tratam. Algumas teses de doutoramento sobretudo americanas têm estudado textos e autores, mas incidindo quase totalmente no fenómeno cultural. A abordagem literária é escorregadia, dada a multiplicidade de problemas e a quase impossibilidade de determinar o que, nestas obras, é ou não literário. A própria atitude do autor foi modificada pela sua época: se do viajante setecentista se esperava que fosse objectivo e transmitisse no seu relato toda a espécie de informações, que, segundo o espírito do tempo, fossem úteis e instruissem os leitores, o viajante romântico era livre de fazer interferir no relato a sua sensibilidade e de seleccionar

os elementos e mesmo as facetas destes que, de modo algo impressionista, iria registar em detrimento de outros.

Também a forma de que se revestem os relatos é variada: se muitos se apresentam como simples descrições da viagem e do que se deparou ao autor — paisagem, monumentos, costumes —, outros surgem como notas de diário ou cartas, numa tentativa de maior espontaneidade e de infundir maior confiança na informação transmitida.

No período romântico, e correspondente à teorização que via nas diversas artes uma só — a Arte —, que se manifestava de formas e com meios diferentes, é frequente encontrar nos títulos de relatos de viagem ingleses o termo *sketch*, que deveremos traduzir como *esboço*, se queremos conservar a intenção do autor. Ao usá-lo, tentava-se transpor para a descrição literária o estilo correspondente ao exercício tão em voga de registar em desenho — ou melhor, em esboço — os aspectos mais interessantes dos lugares por onde se passava. Disto resultou o relato em forma de ensaio, sem a preocupação de transmitir rigorosamente um itinerário, mas antes procurando reflectir um pouco sobre o problema ou caso escolhido. Estas obras incluíam geralmente gravuras, que muito as enriquecem e que têm grande valor documental.

No entanto, a todos os relatos subjaz uma estrutura comum, aquela que permite situá-los numa área literária e caracterizá-los como género. Essa estrutura consiste no percurso de uma personagem — o «eu» narrador — ao encontro do «outro» — o país visitado. Tal percurso implica o choque da diferença, que pode evoluir num sentido de agrado que leva ao bem-estar, ou de conflito e incapacidade de adaptação ou sequer de reconhecimento de uma realidade positiva, embora diferente. No fundo, temos uma estrutura de romance, que dele se afasta mais ou menos conforme o grau de participação directa do autor em termos de reacções pessoais e dos episódios narrados.

Casos típicos das atitudes possíveis são os de Beckford, Southey e Byron, que por razões diferentes visitaram Portugal. Beckford, desde logo cativado pelo país e pela sua gente, exprimiu o seu entusiasmo em declarações como esta: «A afeição que tenho por Portugal e o meu desejo de lá voltar só terminarão com a minha morte». Southey, que inicialmente detestou tudo o que era português — embora se deva dizer que isso aconteceu sobretudo por razões pessoais, dado que o que acima de tudo lhe desagradava era o afastamento de Inglaterra —, foi de tal modo conquistado que acabou por dizer: «Daria um dos meus olhos à Fortuna cega se ela me deixasse ver o Tejo com o outro».

Quanto a Byron, a quem apenas agradou a beleza natural de Sintra, nunca superou o conflito com a realidade que viu ou quis ver no país visitado, conflito esse que exprimiu no célebre verso: «Oh Natureza, porque desperdiçaste as tuas maravilhas em tal gente?».

Um vez estabelecida a existência de um género e formas literárias, resta ainda considerar o seu valor como texto. Já disse que, de um modo geral, os viajantes não eram escritores, pelo que em grande número de relatos de viagem o estilo não é um dos méritos, tal como não foi também a preocupação principal dos seus autores. No entanto, será errado considerar que por esse facto estamos perante um género menor ou mesmo sem interesse do ponto de vista da crítica literária. Em forma ensaística, epistolar ou até romanesca, alguns relatos de viagem merecem uma atenção que lhes não tem sido dada e que poderá levar a surpresas.

Mas estas obras não podem — nem devem — ser encaradas apenas como texto literário. Qualquer que seja o seu valor sob esse ponto de vista, é extremamente importante o testemunho daqueles que, formados numa determinada cultura, notam e descrevem o que para «o outro» é um quotidiano aceite sem ser questionado e que por tal lhe passa despercebido. Sobretudo enquanto se não organizaram ciências como a antropologia, a etnologia e a sociologia, raríssimos foram aqueles que descreveram a cultura própria, do que resultou a dificuldade em conhecer e compreender muitos dos seus aspectos. Os relatos dos viajantes que procuraram o diferente, o pitoresco ou o exótico tornaram-se assim documentos imprescindíveis para quem queira reconstituir uma época e até uma cultura.

Mas também neste campo a abordagem não é fácil. Os viajantes não escreviam conscientemente para o futuro e, com excepção dos que tinham um objectivo definido — como aqueles que vieram aos Açores estudar a geologia das ilhas ou os fenómenos vulcânicos —, não observavam nem pensavam como cientistas, limitavam-se a seguir tendências pessoais, modas ou a hipótese de um bom negócio. Nem sequer são muito raros os casos em que o viajante se poupou a esforços, seguindo em grande parte os seus antecessores, chegando a contar os mesmos episódios e a referir os mesmos pormenores, por vezes apresentando-os como registados por ele próprio. Nem sempre, todavia, isto reflecte uma atitude de menos seriedade, mas antes a preocupação de informar completamente, recorrendo àqueles que podem preencher lacunas na experiência do novo autor.

Também a nacionalidade dos viajantes é um factor importante a considerar. Embora seja norma geral a afirmação de objectividade e imparcialidade, o certo é que estes homens, por mais isentos que se declarassem, estavam condicionados pela cultura em que tinham sido educados: por um lado, ela determinava a extensão e a qualidade da diferença que provocava a curiosidade; por outro, criara preconceitos que por vezes levavam à deturpação, mesmo inconsciente, da realidade observada. Um caso típico, relativamente aos ingleses, é o modo totalmente negativo com que a tradição e os rituais religiosos dos portugueses são encarados, pois representam a sobrevivência de tudo aquilo que a Reforma quinhentista, considerada um dos pilares da civilização britânica, quisera abolir. Com raras e honrosas excepções, os viajantes ingleses não conseguiram ser objectivos neste campo, pelo que as suas informações resultam em ataques violentos ou em algo a que podemos chamar caricatura.

Outro aspecto que chocou particularmente os viajantes britânicos, chegados do país da Revolução Industrial, com o consequente desenvolvimento dos meios de comunicação, foi o estado artesanal em que vivia ainda o povo português e as suas más estradas, que nenhum deixou de notar.

Por outro lado, tradicionalmente entusiasmados pela Natureza, são eles os que mais minuciosamente descrevem as paisagens, revelando uma sensibilidade que em outros é difícil de encontrar e chamando mesmo a atenção para aspectos que aos próprios naturais passavam despercebidos.

Problemas como estes obrigam a conhecer não só a cultura descrita como também a cultura de origem, pois só assim se poderá compreender o porquê da estranheza perante certas situações e do interesse por determinados aspectos, muitas vezes em detrimento de outros. Há que tomar uma perspectiva histórica, de épocas em que as diversas comunidades viviam ainda isoladas, em tempos e ritmos diferentes.

Há que levar também em conta a óptica da cada viajante, motivado por razões diferentes, que, para além daquelas que hoje poderíamos abranger na designação «turismo», eram profissionais, científicas ou médicas, estas duas particularmente importantes no que respeita aos Açores. De facto, encontramos alguns relatos devidos àqueles que tentaram nestas ilhas analisar e compreender os fenómenos geológicos tão diferentes dos que conheciam no seu país, e também aos que, sobretudo nas águas sulfúreas de S. Miguel, cujas propriedades foram

amplamente divulgadas em Inglaterra, procuravam alívio para determinados padecimentos.

Todo este quadro implica grande complexidade da tarefa em que se lança o investigador que se propõe estudar os relatos de viagem. Para a levar a cabo apresentando resultados válidos, não lhe bastará ainda trabalhar sobre uma ou outra obra, terá forçosamente de conhecer um grande número. Só uma análise comparativa de vários relatos feita em termos tanto sincrónicos como diacrónicos permitirá determinar a originalidade do autor em causa e a extensão e valor da informação que transmite.

Para os interessados neste tipo de obras, nem sequer é este o fim do trabalho, pois a cadeia não foi interrompida. É frequente encontrarmos ainda hoje autores que citam obras anteriores, para chamar a atenção para o que se mantém verdadeiro ou para as grandes mudanças. Desta maneira, é tão importante determinar o que cada viajante trouxe de novo à visão do povo que conheceu como a medida em que a sua informação foi tomada como autoridade e influenciou a literatura de viagens e outra, despertando a curiosidade e atraindo novos visitantes ou servindo, por exemplo, como fonte para compor o cenário de romances.

No caso concreto dos Açores, onde a obra dos viajantes não foi realmente estudada, muitas surpresas poderão estar reservadas aos que queiram ver nela um campo digno de explorar. Um projecto colectivo sistematicamente organizado levará, entre outras coisas, à determinação da imagem dos Açores divulgada em Inglaterra. Neste sentido, o presente empreendimento terá com certeza um resultado compensador e virá abrir novas pistas aos investigadores dos vários departamentos da Universidade, que, desde já, está de parabéns.